



PRÁXIS DA SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA: DIÁLOGOS ENTRE ARTE/EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA

SUSTAINABILITY PRAXIS IN THE AMAZON: DIALOGUES BETWEEN ART EDUCATION AND CRITICAL ENVIRONMENTAL EDUCATION

Sharalene Pamplona Diniz¹

Universidade Federal do Pará

Márcia Mariana Bittencourt Brito²

Universidade Federal do Pará

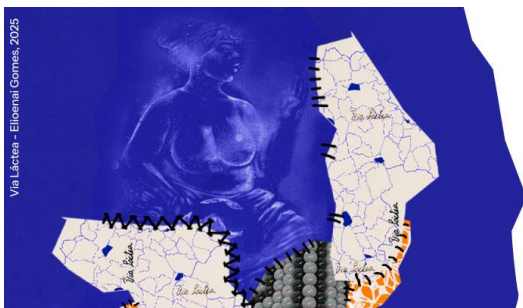
Resumo: O presente artigo problematiza a crise socioambiental como uma manifestação da ruptura histórica entre sociedade e natureza. Objetiva-se analisar a contribuição da Arte/Educação e da Educação Ambiental Crítica na promoção da reconexão com o meio, fundamentando-se na práxis da sustentabilidade. A pesquisa se configura como relato de experiência de abordagem qualitativa, baseada em análise bibliográfica, documental do projeto de extensão “Arte/Educação e Meio Ambiente: Repercussão das Ações Educativas na COP 30” e, sobretudo, na análise exploratória do planejamento didático e dos diálogos com os facilitadores das oficinas de horta comunitária e biojoias no contexto do programa “Coleta Mais Belém” em Belém, Pará. Os resultados parciais e indicam que a práxis da sustentabilidade é percebida na vivência dos educadores e no planejamento das aulas, revelando uma perspectiva de educação transformadora alinhada aos referenciais da Arte-Educação e Paulo Freire. Deste modo, é fundamental para reativar o senso de pertencimento, valorizando os territórios e os saberes ancestrais da Amazônia. Conclui-se que a educação transformadora, ao se opor a modelos tradicionais, é o caminho para formar indivíduos conscientes e engajados, preparados para enfrentar a crise climática.

Palavras-chave: Arte/Educação; Educação Ambiental Crítica; Práxis da Sustentabilidade; Territorialidade; Amazônia.

Abstract: This article discusses the socio-environmental crisis as a manifestation of the historical rupture between society and nature. Its objective is to analyze the contribution of Art/Education and Critical Environmental Education in promoting reconnection with the environment, based on the praxis of sustainability. The research is configured as an experience report with a qualitative approach, based on a bibliographic analysis, a documental

¹Graduanda em Licenciatura em Artes Visuais, na Faculdade de Artes Visuais do Instituto de Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará. Atualmente desenvolve pesquisas no âmbito da Arte/Educação Ambiental Crítica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0546857832352121>

² Professora do Curso de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes – PPGARTES, da Universidade Federal do Pará, coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Arte, Cultura e Interdisciplinaridade na Amazônia – CABANA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3710898379776654>



analysis of the extension project “Art/Education and Environment: Repercussion of Educational Actions at COP 30” and, especially, an exploratory analysis of the didactic planning and dialogues with the facilitators of the community garden and bio-jewelry workshops within the context of the “Coleta Mais Belém” program in Belém, Pará. Partial results indicate that the praxis of sustainability is perceived in the educators' experience and in the lesson planning, revealing a perspective of transformative education aligned with the references of Art-Education and Paulo Freire. Thus, it is fundamental to reactivate the sense of belonging, valuing the territories and ancestral knowledge of the Amazon. It is concluded that transformative education, by opposing traditional models, is the path to forming conscious and engaged individuals, prepared to face the climate crisis.”

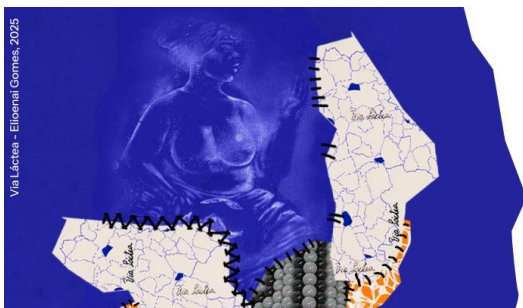
Keywords: Art/Education; Critical Environmental Education; Sustainability Praxis; Territoriality; Amazon.

1. INTRODUÇÃO

A crise socioambiental contemporânea manifesta-se em eventos cada vez mais extremos, como o avanço da poluição, a devastação das florestas e o desequilíbrio ecossistêmico. Contudo, a origem dessa devastação não é de ordem natural, mas sim o resultado de um estilo de vida (humano) e de um modo de produção que impuseram uma lógica utilitarista e de consumo ilimitado. Essa postura é a concretização de uma ruptura histórica e epistemológica entre a sociedade e a natureza, concebendo o ser humano como uma entidade separada do meio.

Diante dessa crise de pertencimento e ruptura, o papel da Arte/educação em interdisciplinaridade com Educação Ambiental Crítica se torna imprescindível. É por meio dela que se busca a formação de sujeitos capazes de desenvolver atitudes e comportamentos, que vão do individual ao coletivo. Para isso, é crucial que a prática pedagógica esteja baseada na práxis da sustentabilidade.

A base empírica deste artigo reside nas ações do programa “Coleta Mais Belém”, no período de 2024 até o presente momento da escrita desse artigo em 2025, fruto de um convênio celebrado entre a Itaipu Binacional, Itaipu Parquetec, Prefeitura de Belém e a Universidade Federal do Pará, tendo a FADESP como interveniente. Em articulação com cooperativas de catadores, o projeto de extensão coordenado pela professora Prof. Dra. Márcia Mariana Bittencourt, cujo título “Arte/Educação e Meio Ambiente: Repercussão das Ações Educativas na COP 30”, implementou ações de



Educação Ambiental e Arte/Educação alinhadas com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), buscando promover transformações e contribuir para o desenvolvimento territorial.

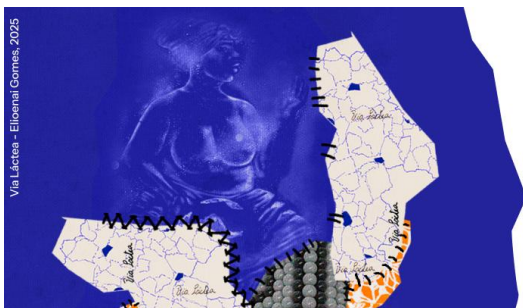
Esta pesquisa se configura como um Relato de Experiência de abordagem qualitativa e caráter exploratório. O foco reside na análise do planejamento pedagógico das oficinas de biojoias e horta comunitária e nas vivências dialógicas (conversas e observações sistemáticas) com os próprios sujeitos do programa, mediadas pela dialogicidade freireana (Freire, 1987). Ressalta-se que a análise se concentra na fase de concepção e proposta das ações, anterior a sua execução. Para garantir a transparência ética e metodológica, as falas e relatos dos facilitadores, obtidos durante essa imersão, foram anonimizados e sintetizados, focando na análise da práxis revelada em suas histórias e visões. As conversas revelaram a visão e a história desses educadores, cujas próprias vidas já manifestavam a educação transformadora que o projeto se propunha a ser.

Esses diálogos e as visões que eles revelaram me levaram ao questionamento central desta pesquisa: de que forma a Arte/Educação, em diálogos com a Educação Ambiental Crítica, pode atuar para efetivamente promover a reconexão da sociedade com o seu meio?

Desse modo, é preciso resgatar o fundamento do ensino da arte que se estabelece como uma força motriz fundamental para a formação humana e para a transformação da realidade. Como aponta Ana Mae Barbosa:

Através da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender o que acontece com o meio ambiente, aprimorar a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e incrementar a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (Barbosa, 2002, p. 34).

Essa percepção se conecta com Educação Ambiental Crítica, pois o diálogo entre essas duas áreas ocorre de forma fluida e se pauta na interdisciplinaridade como integralidade do conhecimento. É essa perspectiva que orienta minha pesquisa, buscando afirmar a potencialidade de um ensino que resgata nos educandos a territorialidade e a valorização dos saberes tradicionais, o que constitui o caminho



essencial para uma educação emancipatória frente à crise ambiental através da Arte/Educação e Educação Ambiental Crítica.

Para aprofundar essa discussão, o artigo está estruturado em dois tópicos principais. O primeiro, "Da ruptura à reconexão: O território como fundamento da práxis", discute a crise socioambiental como ruptura e a necessidade de resgatar o pertencimento territorial. O segundo, "Arte/Educação e Educação Ambiental Crítica: Análise do Planejamento", analisa os diálogos com os facilitadores das oficinas e o planejamento didático como materialização da práxis da sustentabilidade.

2. DA RUPTURA À RECONEXÃO: O TERRITÓRIO COMO FUNDAMENTO DA PRÁXIS

A crise socioambiental é, antes de tudo, uma manifestação da ruptura histórica entre sociedade e natureza. A concepção que separa o ser humano da natureza como entidades independentes é uma construção social histórica que se intensificou com o avanço do capitalismo. Esse sistema rompe com a relação harmônica entre a sociedade e o meio ambiente, instaurando uma visão utilitarista em que a natureza passa a ser vista como recurso a ser explorado e não como parte constitutiva da vida humana.

Essa perspectiva é complementada pela visão ancestral de Ailton Krenak (2019). Em sua obra *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* (2019), ele argumenta que a humanidade, ao se descolar da Terra e se conceber como uma entidade à parte, criou a ideia de “humanos” contra “o mundo natural”. Essa ruptura epistemológica resulta na degradação da natureza, que ele entende como a negação de nossa própria humanidade. Krenak (2019) aponta que a crise ambiental é, antes de tudo, uma crise de ideias, que só pode ser superada ao reconhecermos que somos parte indissociável de um organismo vivo.

O materialismo histórico-dialético contribui nessa análise, como método que parte da realidade, permitindo compreender essa ruptura não como uma disfunção, mas como resultado das contradições internas do modo de produção capitalista. Essa dinâmica



evidencia a “falha metabólica”, conceito de Karl Marx (2013) que aponta para o rompimento do metabolismo vital entre o ser humano e a natureza, manifestando-se na destruição dos ciclos naturais e na exploração de territórios.

Nesse contexto, os saberes tradicionais emergem como uma fonte vital de conhecimento para a reconexão. Contudo, a nossa relação com esses saberes é paradoxal, como já evidenciado por Marx (2013) e Krenak (2019) ainda que não tratem do mesmo tempo histórico e dentro das mesmas perspectivas teóricas. Embora eles estejam intrinsecamente presentes em nosso modo de vida e em nossas ações cotidianas, muitas vezes não reconhecemos sua origem ou, conscientemente, negamos sua existência. Essa desconexão não é genuína, mas o resultado direto de um apagamento sistemático e avanços sobre os territórios.

Para reverter esse processo de apagamento e desterritorialização, é fundamental compreender a territorialidade a partir da perspectiva de pensadores como Milton Santos (1996), para quem o espaço não é um mero substrato físico, mas uma construção social e histórica. O território é o resultado da ação humana, que molda e o carrega de significados, gerando o sentimento de pertencimento, o que constitui o passo inicial para o desenvolvimento de uma consciência ambiental crítica e situada. Como aponta Santos:

“O Espaço geográfico é o conjunto de sistemas de objetos e de sistemas de ações, deliberadas ou não, que se realizam sobre o espaço, e que o tornam um híbrido. Isso quer dizer, o espaço é o resultado de uma coexistência entre objetos e ações que não se dissolvem um no outro, mas que se produzem mutuamente.” (Santos, 1996, p. 25).

Essa noção de pertencimento está intrinsecamente ligada à valorização dos saberes tradicionais e ancestrais. Esses conhecimentos representam uma forma de vida que se desenvolveu em harmonia com o ecossistema local, oferecendo um contraponto direto à visão utilitarista e de ruptura do capitalismo.

É por essa razão que a articulação entre Arte/Educação e Educação Ambiental Crítica é o caminho para a implementação desses conceitos. É fundamental, contudo, romper com o modelo tradicional que se estabelece em falsa interdisciplinaridade que



frequentemente reduz o ensino da arte e desvaloriza seu potencial pedagógico e afasta as práticas de seu caráter genuinamente interdisciplinar. Em contrapartida, a Arte/Educação se estabelece como uma força motriz para a formação humana, capaz de ir além da mera técnica, promovendo uma reflexão profunda para a transformação da realidade.

“Arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma indiferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário. É conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano.” (Barbosa, 2014, p. 04).

Essa visão da arte como pilar da cognição nos leva ao conceito de interdisciplinaridade. Para Gaudêncio Frigotto (2002), a interdisciplinaridade não é simplesmente a soma de várias disciplinas, mas uma nova forma de produzir conhecimento que desafia as fronteiras e busca compreender a realidade de maneira integral e multifacetada. Portanto, a articulação entre Arte/Educação e Educação Ambiental Crítica deve ser vista como um processo genuinamente interdisciplinar. Ele não se limita a “juntar” mas sim a criar um campo de conhecimento que integra o saber científico, o saber tradicional e a sensibilidade artística e leitura do mundo para formar indivíduos capazes de agir de forma consciente e transformadora em seu território.

3. ARTE/EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA: ANÁLISE DO PLANEJAMENTO

A sustentabilidade, em seu sentido transformador, não pode restringir-se a uma abordagem técnica ou gerencial. Ela deve ser compreendida como uma práxis. Na perspectiva da pedagogia crítica, a práxis é o coração de uma educação que busca a transformação. Paulo Freire define-a não como a simples união entre teoria e prática, mas como um processo de reflexão-ação dos seres humanos sobre o mundo para transformá-lo (Freire, 1987, p. 45). É nessa perspectiva que o projeto de extensão “Arte/Educação e Meio Ambiente: Repercussão das Ações Educativas na COP 30” se desenvolve por meio do programa “Coleta Mais Belém”.

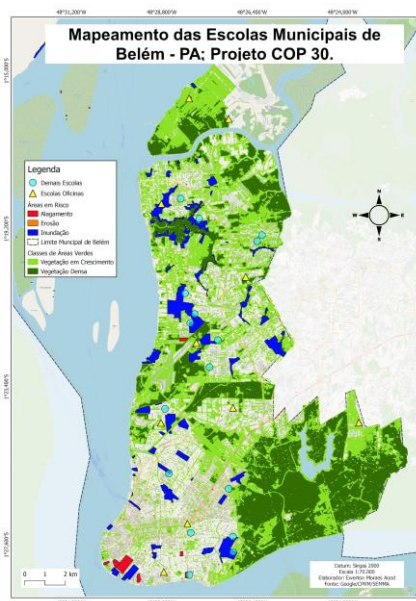
O projeto se insere no contexto de Belém, Pará, um território amazônico que, ao sediar a trigésima Conferência das Partes (COP 30), está no centro do debate global sobre



a crise climática. Dada a importância do evento, a inquietação central do projeto reside em: "O que fica de legado para a cidade de Belém e seus habitantes quando a COP 30 passar?". O programa "Coleta Mais Belém", atuando em vários territórios da região metropolitana e ilhas, em diálogo com cooperativas de catadores, busca responder a essa questão. Alinhado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 2, 4, 11, 12 e 15 (ODS), o programa implementa ações de Educação Ambiental Crítica por meio de oficinas de diferentes linguagens (Graffiti, Biojoias, Horta Comunitária, entre outras), promovendo a práxis da sustentabilidade de forma integral.

Para contextualizar a amplitude da atuação do referido programa no território de Belém e suas ilhas, será apresenta-se a seguir o mapa dos locais de ação:

Imagem 1 – Mapa dos territórios de atuação do programa "Coleta Mais Belém"



Fonte: Acervo Grupo de Pesquisa - CABANA

O mapeamento e a escolha das escolas foram estratégicos, visando à abrangência do maior número de territórios tanto na região metropolitana de Belém quanto em suas ilhas. O objetivo principal foi descentralizar as ações do programa para alcançar o máximo de contextos e realidades diversas.



Realizou-se uma reunião geral de alinhamento entre os facilitadores das oficinas e os gestores das escolas que estavam a receber as ações do projeto, foi importante para a concepção das propostas e ocorreu em uma das escolas parceiras do projeto e está ilustrada a seguir:

Imagem 2 - Reunião geral do projeto e apresentação das oficinas



Fonte: Acervo CABANA

A reunião foi o momento em que osicineiros apresentaram aos gestores o planejamento e as diretrizes de suas oficinas. Essa apresentação demonstrou que a organização das práticas pedagógicas se orientava pela Educação Ambiental Crítica e por uma formação preocupada em, de fato, transformar os educandos, conectando-os ao território para a práxis.

O foco da análise aqui apresentada concentra-se no planejamento das oficinas de Biojoias e Horta Comunitária, revelando como a teoria da práxis da sustentabilidade orienta a concepção dessas ações. Como pesquisadora e com base nos conhecimentos da Arte/Educação, interpreto que a estrutura do planejamento pedagógico das oficinas segue a lógica da Abordagem Triangular (ler, fazer e contextualizar), de Ana Mae Barbosa. Essa articulação é crucial para a Educação Ambiental Crítica, pois a Abordagem Triangular, com sua ênfase no 'contextualizar' (ou 'ler' o mundo, conforme Freire), garante que as oficinas não sejam meramente técnicas. Assim, o ensino da arte atua como um potente mediador do conhecimento,



viabilizando uma prática genuinamente interdisciplinar que integra a expressão e a reflexão crítica à consciência socioambiental.

3.1. Resgate do Sentimento de Pertencimento: A Oficina de Biojoias

Na oficina de Biojoias, a práxis da sustentabilidade se manifesta na ressignificação do material e no resgate da autonomia. A prática vai além da criação de um acessório e da busca por lucro. Ela efetiva a bioeconomia em sua essência transformadora: sementes de açaí, escamas de peixes e fibras, que antes eram resíduos e, são convertidas artisticamente em joias, substituindo materiais plásticos e outros materiais que são poluentes e não biodegradáveis. O ato de manusear esses biomateriais possibilita uma reflexão sobre o ciclo da vida e a natureza, em um processo que resgata o senso de pertencimento (Santos, 1996).

Os diálogos com a facilitadora dessa oficina revelaram que sua própria história de vida é a concretização da educação transformadora que se propõe no projeto. Compartilhando, como o contato com os biomateriais transformou a vida desses sujeitos, conferindo-lhe autonomia na renda e uma nova voz para falar sobre a Amazônia e os saberes tradicionais de sua própria região. Uma das facilitadoras expressou: "Eu não estou apenas ensinando a fazer um brinco; estou ensinando a ver a floresta com mais cuidado e tirar dali o próprio sustento e autonomia. Um dia aprendi e hoje estou ensinando." (Facilitadora de biojoias) Esse relato confirma a práxis: uma ação que é conscientemente transformadora, opondo-se à lógica utilitarista, resgata o senso de pertencimento e a conexão com o território conferindo a valorização.



3.2. Práxis e Agroecologia: A Oficina de Horta Comunitária

A horta comunitária se estabelece como um espaço de práxis da agroecologia³ atua de forma similar à Arte/Educação: ela é um espaço de práxis que atua na reconexão com o território sobretudo amazônico. A educação oferecida nesse contexto não se limita à prática como a instalação e técnica de plantio sem contextualização ou o ato de plantar por plantar.

Os facilitadores dessa oficina entendem que, independentemente do espaço, as hortas trazem impactos positivos cruciais para o meio ambiente e mudança de hábitos nas comunidades. Essa intervenção está intrinsecamente alinhada aos ODS, em particular o ODS 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável), ao buscar garantir o acesso da população em situação de vulnerabilidade social a alimentos de qualidade, livres de veneno dos agrotóxicos.

Além do impacto direto na alimentação e na renda, a horta é um espaço de socialização e fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. O aprendizado se estende ao conhecimento sobre olericultura, compostagem, nutrição e alimentação saudável, e a valorização do saber tradicional das ervas e plantas medicinais.

Essa jornada coletiva ensina a respeitar o tempo do organismo vivo que é a terra (KRENAK, 2019), e a se entender como parte integrante e responsável por esse território. Em sua essência, essa construção coletiva gera diversas transformações sociais, destacando-se a experiência real de autonomia alimentar e elevação da consciência ambiental.

³ Na perspectiva da Educação do Campo (Caldart et al., 2012), a Agroecologia é compreendida não apenas como uma técnica agrícola, mas como uma matriz produtiva de cunho político, cultural e educativo. Ela se opõe ao modelo capitalista do agronegócio, buscando a soberania alimentar e articulando o trabalho camponês à formação humana crítica, o que fundamenta sua natureza transformadora.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

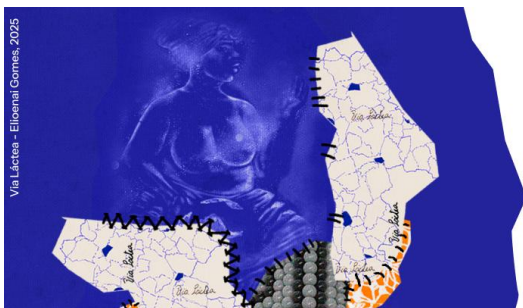
A análise do planejamento didático e dos diálogos com os facilitadores revela a potencialidade da práxis da sustentabilidade. A estrutura das oficinas de Biojoias e Horta Comunitária demonstra um cuidado na concepção da ação, provando que o planejamento, na docência, é um ato que precede e condiciona o sucesso da execução.

Essa intencionalidade pedagógica tem por objetivo reativar o senso de pertencimento, valorizando a territorialidade e os saberes ancestrais da Amazônia. O projeto está avançando e se configura como uma grande oportunidade para a sociedade de Belém em seus diversos territórios. A própria história daicineira de biojoias, que foi alcançada por uma ação educativa e hoje atua como mediadora, atesta a natureza contínua e fluida da educação transformadora.

Conclui-se que o planejamento é a condição da práxis para que a luta contra a crise climática não seja dissociada de uma educação realista e voltada para a ação, capaz de gerar as necessárias reverberações. Que este trabalho possa instigar a promoção de pesquisas e iniciativas que reforcem o compromisso dos educadores em Arte/Educação, na articulação com a Educação Ambiental Crítica, de formar uma sociedade consciente, que valoriza seu território natural, e pronta para assumir seu papel como parte da solução.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. (2002). A Imagem no Ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva. Acesso em: 20/09/2025
- BARBOSA, Ana Mae. (2014). Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. São Paulo: Cortez. Acesso em: 20/09/2025



CALDART, Roseli Salete et al. (Org.). Dicionário da educação do campo. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo. (1987). Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Acesso em: 20/09/2025

FRIGOTTO, Gaudêncio. (2002). O Ensino Médio: Concepções, Proposições e Desafios. Brasília: MEC. Acesso em: 20/09/2025

KRENAK, Ailton. (2019). Ideias para Adiar o Fim do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras. Acesso em: 20/09/2025

MARX, Karl. (2013). O Capital: Crítica da Economia Política. Livro 1: O processo de produção do capital. 31. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Acesso em: 20/09/2025

SANTOS, Milton. (1996). A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec. Acesso em: 20/09/2025